

O bom memorialista deve dominar a técnica do romance. Reynaldo D. Ferreira tem plena segurança na condução do fio narrativo, sustentando o interesse do leitor, com a ênfase, conforme o caso, nos meandros psicológicos ou na ação, revelando-se senhor do sentido do drama, quando não do trágico, e sábio no emprego do condimento poético, onde e quando cabível e necessário, sem desbordamentos inúteis ou piegas.

A mim, que dividi os primeiros doze anos de vida entre a Zona da Mata mineira e as terras de Vila Boa e Goiânia – de passagem, na longa viagem que as separava, visitando o Triângulo e, nele, Uberaba –, se afiguram familiares tipos, modos, paisagens, coisas destas saborosas memórias, qual se tratassem da minha própria infância.

Reynaldo Domingos Ferreira nos põe ante os olhos um Brasil antigo – que ainda não mudou de todo –, em que a vida era mais difícil, meio selvagem nalguns aspectos violentos (se bem que de uma violência não comparável à dos meios urbanos atuais), longe dos confortos e das expectativas modernas, mas de qualidade superior no concernente ao contato mais demorado e mais íntimo com a terra, e ao relacionamento mais intenso entre as pessoas.

É este, pois, a par do valor testemunhal e literário, um livro com cheiro e gosto de vida, que se lê com prazer.

Anderson Braga Horta
Poeta, contista, ensaísta
e crítico literário

O Autor narra sua infância em duas cidades de Minas – Campo Florido e Uberaba – marcadas pelas tradições portuguesas. A citação de frase de John Steinbeck antecipa a essência da narrativa: Crescer é um processo difícil e doloroso.

O livro tem início com a chegada da família do Autor a Campo Florido devido à necessidade de seu pai assumir uma função na Coletoria Estadual. O menino toma contato com a vida do lugar sob o regime do Estado Novo. Compreende que sua vida tem continuidade em Uberaba, onde nasceu e residem os familiares de sua mãe. O contraste da vida entre as cidades se impõe à criança, impedida de se esclarecer sobre determinados assuntos, como a movimentação das raparigas, que chegam e saem de Campo Florido. Motivado pela curiosidade, decide, em companhia de um amigo, fazer incursão pelas águas do riacho que corta a cidade a fim de presenciar o banho das prostitutas numa manhã de verão.

Em Uberaba, descobre o gosto pela música erudita, mas sofre reprimendas de parentes temerosos de que venha a se tornar músico como o avô, compositor e maestro, que, ao morrer, deixara a viúva na miséria, com quatro filhos para criar. A narrativa avança pela fase do pós-guerra e da transição democrática, mostrando reflexos disso sobre a vida familiar.



© Carlos Nambu

REYNALDO DOMINGOS FERREIRA é jornalista, advogado, escritor, nascido em Uberaba, MG, onde participou de movimentos estudantis, liderou um grupo de teatro e formou-se em Direito. Iniciou-se nas profissões de advogado e jornalista em São Paulo, tendo atuado como redator do extinto jornal "A Gazeta", da Fundação Cásper Líbero. Transferindo-se para Brasília (1963), trabalhou para os jornais "O Estado de S. Paulo", "Folha de S. Paulo", revistas técnicas da Editora Abril S/A e Veja. Exerceu três vezes as funções de Assessor de Imprensa do Banco Central do Brasil e, duas vezes, as de Assessor de Imprensa do Superior Tribunal de Justiça. Atua como advogado em causas cíveis, trabalhistas, tributárias, etc. Além de *As Raparigas da Rua de Baixo* (*Memórias de Infância*), é autor também de *Três Mulheres no Palco* (coletânea de peças teatrais), *Elegia ao Chapéu* (poesia) e do *Dicionário da Dívida Externa Brasileira*.



REYNALDO DOMINGOS FERREIRA

AS RAPARIGAS DA RUA DE BAIXO

REYNALDO DOMINGOS FERREIRA

AS RAPARIGAS DA RUA DE BAIXO



Memórias de Infância



EDIÇÕES
INTELIGENTES

SABOR DE VIDA

Conhecemos de longa data o jornalista, advogado e escritor Reynaldo Domingos Ferreira. Sabemo-lo, de ciência própria, autor de mérito. Seu trabalho mais recente, o *Dicionário da Dívida Externa Brasileira*, é de natureza técnica, ligado às funções de Assessor de Imprensa que exerceu, na década de 80, no Banco Central do Brasil (publicado em 2002 com o selo desta Editora, e está em curso o seu relançamento, revisto e ampliado). Já a publicação de sua obra propriamente literária é bastante anterior, remontando a algo mais de vinte anos.

Poeta, Reynaldo se fez conhecido por uma longa composição, *Elegia ao Chapéu*, ganhadora de concurso de âmbito nacional e lançada em livro no ano de 1983. Talvez possamos afirmar, porém, que a parte mais importante de sua criação literária tem cabido ao dramaturgo. Naquele mesmo ano, pôs em letra de forma e levou ao palco a peça *Dona Bárbara*, reeditada singularmente em 1986 e, com outras duas, em 1998, sob o título *Três Mulheres no Palco*.

Não é sem propósito a rememoração da experiência literária do Autor. Dever-lhe ele, em parte, o modelar com mestria as imagens dramáticas e os momentos poéticos destas memórias de infância. Pois ao escritor não basta lembrar: é mister, no papel, fazê-lo seletivamente, privilegiando os lugares, as personagens, os episódios de maior importância ou vigor, dando a estes um ordenamento significativo e esquecendo o que não tem função no contexto.